

# PICHADORES DE RUA, TERRITORIALIDADES URBANAS EM CONFLITO: TERRITÓRIOS (IN)VISÍVEIS DE GOIÂNIA

José Renato Masson\*

**Resumo:** Os pichadores buscam introduzir na paisagem urbana, principalmente das médias e grandes cidades, suas pichações que anseiam demarcar territórios, agredir a paisagem urbana e provocar os grupos rivais. As pichações não podem ser entendidas, apenas, como atos de vandalismo, elas procuram se fazer presentes no cotidiano da cidade, representando e (res) significando a paisagem. Movimento surgido nos guetos urbanos do Bronx, nos EUA, disseminou-se pelo mundo, existindo, em Goiânia, diversas “galeras” que podem ser categorizadas em dois tipos. No primeiro, membros de torcidas organizadas se rivalizam pela metrópole, assinando a siglas TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) e FJG (Força Jovem do Goiás). No segundo, os grupos de Bairro, como MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), BF (Bairro Feliz), UPS (União dos Pichadores Skatistas), etc. Esses grupos buscam demarcar e consolidar o território frente aos adversários, exercendo territorialidade sobre uma área. Ao mesmo tempo, constituem uma identidade própria que procuram *insubmeter* e contrapor os ditames convencionais do urbano. A Geografia não pode abster-se da compreensão desse fenômeno, pois sua compreensão envolve diretamente categorias de análise geográfica, como o território, territorialidades e identidade.

**Palavras-chaves:** pichação; território; territorialidade; identidade.

Os grupos de pichadores inserem-se na paisagem urbana como forma de representar e (res) significar a cidade, principalmente nas cidades grandes e médias. “Não é por acaso que a pichação surge e se intensifica nos grandes centros urbanos, mesmo nos países menos desenvolvidos. A pichação aparece como uma das formas mais suaves de dar vazão ao descontentamento e à falta de expectativa” (Gitahy, 1999, p.24).

Esses grupos buscam demarcar e consolidar o território frente aos adversários e, para tal, exercem territorialidade sobre uma área. Ao mesmo tempo, constituem uma identidade própria que procuram *insubmeter* e contrapor os ditames convencionais do mundo urbano. Para tal, utilizam-se de uma simbologia própria e, muitas vezes, apenas reconhecível pelos *insiders* (outros pichadores), enquanto os *outsiders*, os consideram como vândalos e marginais.

---

\* Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Católica de Goiás, Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás.

Lara (1996, p.72) distingue quatro formas de inscrições urbanas na metrópole de São Paulo: inscrições publicitárias, panfletárias, grafiteagem e pichação. Na perspectiva desta análise, será enfocada a pichação que, dentro do aspecto da ilegalidade e hermetismo de seus grupos, pouco foi estudada pelas ciências sociais, especificamente a Geografia.

### **Significação**

A origem da pichação remonta os primórdios da humanidade, com as representações marcadas nas cavernas do mundo pré-histórico. Como movimento organizado da sociedade contemporânea, a pichação iniciou-se (final dos anos 70 do século XX) nos Estados Unidos da América com gangues juvenis de rua do bairro Bronx, em Nova Iorque, que utilizavam as pichações como forma de demarcação dos seus territórios e crítica ao sistema econômico vigente. O pichador “utiliza-se desta modalidade de linguagem para expressar as idéias de grupos sociais que estão alheios aos meios formais de construção e divulgação” (Silva e Trinchão, n.d.). Suas representações ultrapassam o vandalismo, imposto pela sociedade capitalista, e atingem o mundo simbólico da insubmissão ao sistema. Assim:

As pichações, afirmam, dominam os espaços de preferência do pichador (aquele que melhor se oferece aos seus olhos) – locais proibidos, muros recém-pintados, lugares sacralizados pela tradição ou pela cultura, como templos, bancos, shoppings, fachadas de arranha-céus. Tais espaços, públicos ou privados, configuram-se como os suportes ideais para mensagens cifradas e assinaturas ilegíveis (Caetano, 2002, p.65).

Lara expõe a pichação como “... uma forma de comunicação fechada, executada inicialmente por um único indivíduo, mas que, em seguida, passa por um processo de identificação coletiva e a ser realizada por grupos, espalhando-se por todo o tecido urbano de forma repetitiva e desordenada” (Lara, 1996, p. 78). Esse desordenamento proposto pelo autor é controvertido, pois apesar da desordem externa, as pichações possuem uma ordem na desordem.

As escolhas dos locais refletem quatro opções, na visão de “Ghost”<sup>1</sup>: locais de difícil acesso, que trazem fama efêmera ao autor (até que outro consiga pichar um local de maior dificuldade), pichações de demarcação territorial, pichações de anulação<sup>2</sup>, de invasão<sup>3</sup>. A análise dessas opções, apesar da dificuldade de delimitação das picha-

<sup>1</sup> Denominação escolhida pelo mesmo, que é ex-pichador de um dos grupos que agem em Goiânia. Para evitar a repressão policial e de membros da sua própria “galera” e outras, não divulgaremos dados de identificação dos pichadores e ex-pichadores.

<sup>2</sup> Anulação ocorre quando se faz um traço horizontal ou em forma de X na pichação da “galera” rival e picha-se, ao lado, o símbolo do seu grupo e os apelidos dos autores.

<sup>3</sup> A invasão ocorre quando uma “galera” invade e picha o território de outro grupo.

ções e dos grupos em Goiânia, revela um ordenamento territorial que produz ordem na pseudodesordem. Esse ordenamento territorial pode ser tipificado e analisado sob a diversas óticas, como posição geográfica das pichações por bairros, próximas às escolas, praças, shopping centers, entre outros. Os “de fora”, para se utilizar uma linguagem coloquial dos pichadores, na maioria das vezes, identificam essa forma de manifestação como ato de poluição e vandalismo desordenado e que merecem, apenas, repressão e punição pelo aparelho estatal.

Na sociedade, um papel relevante para a marginalização dos pichadores é imposto pela mídia, que preconceitua a pichação como um ato de vandalismo e/ou criminalidade, não importando sua origem de manifestação. As pichações entram como uma categoria generalizante na qual entram as pichações dos grupos do crime organizado, atos políticos, partidários e dos grupos juvenis de pichadores. Essa salada cultural cumpre sua função: qualificar qualquer uma dessas formas como criminosa e, portanto, merecendo ser reprimida.

Esse caráter subversivo da atividade produz a “adrenalina” necessária para a repetição da atividade. Segundo “Cabeça”<sup>4</sup>, *“a pichação é um vício, quando a gente faz a primeira, no outro dia, dá uma ressaca moral. Mas, aí o pessoal fica colocando ‘pilha’ e a gente, quando vê, está fazendo de novo”*.

Lara considera que:

Com seus significados fechados e assumindo um caráter epidêmico, as pichações formam um território próprio contra o qual se arma uma ação repressiva que tenta inibir e frear o movimento. A repressão, no entanto, acaba por incentivar os pichadores, colocando suas ações fora do controle e dos limites toleráveis pela sociedade e suas instituições tradicionais. Inúmeras inscrições desse tipo passam a se sobrepôr, numa competição feroz que leva as gangues a procurar lugares cada vez mais altos e perigosos. Desta forma, os topos dos edifícios, as marquises e os monumentos são alvos sistemáticos deste tipo de ação que, com os anos, vêm adquirindo uma lenta evolução pela precariedade dos seus agentes e pela recusa de uma estética em moldes aceitáveis. As inscrições justamente procuram uma antiestética, utilizando nomes putrefatos e escatológicos para atingir uma repulsa ainda maior que o próprio ato. (Lara, 1996, p. 79/80)

Os símbolos, a princípio incognoscíveis, possuem quatro significados básicos, podendo estar presentes simultaneamente ou não: identificação do grupo, denominação<sup>5</sup> dos pichadores, frases de desafio para outro grupo e frases de cunho contestatório

<sup>4</sup> Ex-membro fundador de um grupo de pichadores.

<sup>5</sup> Usam-se denominações (apelidos) que são reconhecidos no seu grupo, sendo velado para os adversários, evitando futuras punições.

e anarquista. Cada autor<sup>6</sup>, que acaba influenciando o grupo, tem uma forma específica de grafia. Usualmente, preferem facilitar o reconhecimento da sigla do grupo e dificultar as demais escritas (segundo “Ghost”: “*posso seis alfabetos diferentes e, mesmo assim, algumas inscrições de grupos menores não entendo*”). Portanto:

As inscrições são constituídas por letras estilizadas ou distorcidas, formando nomes, apelidos individuais ou de gangues. Estes signos são traçados com tinta, *spray* ou carvão sobre muros, portas, paredes, placas, cartazes, prédios, parapeitos, soleiras, beirais, etc. Sua linguagem é praticamente cifrada, de caráter anarquista e se faz compreender somente pelos grupos envolvidos no jogo (Idem, p.79).

As pichações caracterizam formas de expressão que possuem dupla significação, dependendo do olhar. Elas representam um sistema comunicacional que transmite informações, demarca o território, representa um exercício e/ou contestação de poder. Por outro lado, podem ser compreendidas como formas de escandalizar. Um dos pichadores, que preferiu não se identificar, considerou como “*zoeira, só bagunça*”. Assim:

No caso da ação de pichadores, é do conhecimento comum que mensagens são passadas, presenças registradas e territórios demarcados por expressões que pertencem a subcódigos comuns a certos grupos. Fora desse contexto e de circunstância adequada, os registros impressos nos muros aparecem como brincadeiras que, como se viu, correspondem ao bom ou mau gosto, dependendo dos enunciatários que os tentam decodificar. Nesse sentido, de um lado as pichações são legitimadas pelos pares, de outro, aparecem como manifestações identitárias que pretendem se distinguir dos letamentos diversos da cidade relacionados normalmente ao consumo e ao discurso político (Caetano, 2002, p. 69).

A relação entre anonimato e identificação é bastante contraditória. Por um lado, busca-se manter o anonimato frente ao Estado, a seus instrumentos de repressão e à própria sociedade. E por outro, busca-se o reconhecimento, o identificar-se perante os membros do seu grupo e o dos demais.

Porém, essa repressão e marginalização da pichação acabam provocando uma realidade adversa à desejada, pois a repressão gera uma notoriedade para o pichador ou o grupo de pichadores. No seu enfrentamento com os agentes do poder estatal, provoca um manto de respeitabilidade frente aos demais pichadores e grupos. Outra forma de notoriedade é quando sua pichação sai na mídia, principalmente se uma

---

<sup>6</sup> Normalmente os membros fundadores do grupo influenciam, com o seu traço característico, os novatos.

pichação de difícil acesso ou em território inimigo, o que acaba provocando respeitabilidade ao membro do grupo. Com isso, a pichação passa a ter, segundo Lara:

O significado duplo da pichação pode ser entendido como um processo comunicacional: a reação negativa por parte do público é compreendida como positiva para o grupo e sua atuação, cuidadosamente planejada e trabalhada, não passa de algo antiestético para a maior parte das pessoas. Desta forma, o pichador equaciona o seguinte raciocínio: quanto maior a repressão, maior a aventura; quanto maior a aventura, maior a fama; quanto maior a fama, maior o destaque do grupo, mais publicidade, e maior influência na área, aumentando seu território sem correr muitos perigos e sem gastar muita tinta (Lara, 1996, p.84/85).

Como não existe uma legislação que pune o adolescente pela ação de pichar, os grupos são constituídos, geralmente, por adolescentes com idade inferior a dezoito anos e, também, do sexo masculino. “Quando a gente vai usar o ‘jet’, saímos numa galera de uns dez, pegamos porrete, canivete, porque a gente pode encontrar com os inimigos e morrendo de medo da Rotam<sup>7</sup>. Porque quando eles nos pegam, tomam os ‘jets’ e sentam o cacete”<sup>8</sup>. Normalmente, quando atingem a maioridade, os membros abandonam a pichação e, alguns, partem para o grafite.

### **As “galeras” de Goiânia**

A capital do estado de Goiás foi planejada em 1933 pelo urbanista Atílio Correia Lima, idealizada para substituir a antiga capital do estado, cidade de Goiás. O período de sua construção coincide com a intensificação da urbanização brasileira e esta cidade e os municípios do entorno cresceram rapidamente, principalmente após a construção de Brasília (1960). Em 1999, é criada a região metropolitana de Goiânia, constituída por 11 municípios com uma população, segundo o censo do IBGE de 2000, de 1.726.307 habitantes, e Goiânia, apresentando a população de 1.090.737 habitantes.

Dos 11 municípios da região metropolitana, para esse excerto, dois merecem destaque pelo número populacional e por estarem perfeitamente conurbados: Goiânia e Aparecida de Goiânia (335.848 habitantes, censo IBGE-2000). Como existe uma fluidez econômica e social bastante intensa entre os dois municípios, seria uma tarefa árdua a separação dos dados de cada um. Portanto, quando remetermos a Goiânia, trata-se da metrópole, principalmente dos municípios de maior população.

---

<sup>7</sup> Tropa de elite da Polícia Militar de Goiânia, conhecida pela truculência em suas abordagens.

<sup>8</sup> Depoimento de “Cabeça”, citado anteriormente.

Em Goiânia, pelos dados retirados com pichadores, existem vários grupos, muitos constituídos por um número reduzido de membros. Merecem destaque, primeiramente, alguns membros de torcidas organizadas que se antagonizam nas pichações, TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) e FJG (Força Jovem do Goiás), que possuem muitos subgrupos (que, no caso do primeiro grupo, é denominado de comando e, do segundo, de legião), e mesmo alguns pichadores isolados que assinam sua sigla. Existem os grupos de bairros, BF (Bairro Feliz), BCO (Bombados do Criméia Oeste), BCL (Baixada Criméia Leste), MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), SNF (Setor Norte Ferroviário), entre outros. E os grupos que possuem uma distribuição territorial de alguns bairros ou áreas, como UPS (União dos Pichadores Skatistas) e OPG (Organização dos Pichadores de Goiânia), GAP (Grupo da Arte Proibida ou Grupo Anti Playboy), PKS (Porrada Komi Solta), MAG (Mentes Atrás do Grafite), etc.

Os grupos criam sistemas de rivalidades e alianças que servem como mecanismo de legitimação e fortalecimento de suas ações. Segundo “*Ghost*”, “o MGC era o BCO-mirim, que depois virou MGC, mas que manteve a aliança com BCO. Agora, o BCO está morrendo e o MGC continua forte. A maior rivalidade do MGC é com o BF e a galera da TEV está passando para o BF”<sup>9</sup>.

Esses grupos disputam o território da metrópole. O que, a princípio, é público, torna-se privado. Cada grupo elege uma parcela do território da metrópole que lhe pertence, estabelecendo territorialidades particulares a cada parcela. Essa escolha da parcela pode ser categorizada em duas. Na primeira, os pichadores das torcidas organizadas estabelecem os bairros ou setores mais próximos da sede do clube ou onde se encontram maiores percentuais de torcedores. Os demais grupos elegem seu bairro e adjacentes como seu território. Esses territórios que, a princípio, parecem imóveis, com as inscrições demarcando o território de cada grupo pichador, na realidade são dotados de grande mobilidade através do sistema de conquistas territoriais, as invasões. “Territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica” (Souza, 2001, p. 81). Como exemplo dessa mobilidade, o Primeiro Comando do Jardim (PCJ) que, a princípio, deveria ter suas inscrições circunscritas ao setor Jardim América, possui pichações nos bairros circunvizinhos. “Não é preciso especular muito para descobrir que temos espaços concebidos como eternos e transitórios, legais e mágicos, individualizados e coletivos” (Damata, 2000, p. 43).

Os diversos grupos de pichadores que atuam sobre Goiânia buscam, em suas ações na paisagem urbanam, posse, manutenção e ampliação de sua base territorial. Desvelar e compreender a dinâmica desses grupos significa, também, analisar a categoria território, no âmbito da Geografia.

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada no dia 02/07/2003.

O território dos pichadores é construído a partir das práticas espaciais urbanas das grandes cidades, nas quais se reproduzem condições de singularidade que divergem das cidades médias e pequenas. As pichações de muros nas cidades grandes são, também, organizadas por grupos intitulados “galeras”, os quais utilizam uma simbologia hermética aos demais participantes da cidade não iniciados no cotidiano da pichação. Nas cidades menores, as pichações são, quase que exclusivamente, individuais e/ou político-partidárias, numa grafia cognoscível aos receptores da mensagem.

Como o tema pichadores de rua apresenta escassa ou nenhuma produção acadêmica no âmbito da Geografia brasileira, é justificado o esforço de caracterizar suas representações, pois há o risco de o tema tornar-se um objeto ignoto no âmbito da ciência. As representações dos pichadores vêm repletas de simbolismos que permitem clarificar suas construções territoriais.

A partir das representações dos pichadores de rua, ocorre a possibilidade de desvelamento da categoria território, pois se resgata o vivido, o mundo subjetivo dos grupos para referendar suas práticas espaciais. Onde a fronteira é estabelecida na construção do território, há a separação do “eu e o outro”, “o marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual do limite, define por onde passa a linha imaginária que divide territórios”. (Hissa, 2002, p. 34). Essa linha imaginária é construída a partir do cotidiano dos grupos de pichadores e de suas construções. Como exemplo, podemos ter um grupo de bairro, como o PCJ, que, a partir da sua denominação (Primeiro Comando do Jardim), considera o bairro Jardim América como o seu território, utilizando-se das demarcações oficiais, porém temos grupos de pichadores como a UPS (União dos Pichadores Skatistas), que considera sua base territorial a própria metrópole, mas que as suas marcas (pichações) dependem do lugar de moradia, lazer ou estudo de seus membros.

Silva considera o limite ou a fronteira com dupla significação, “...serve como limite de atuação do poder territorial, mas também como um diferenciador do que e de quem está dentro e do que e de quem está fora” (Silva, 2002, p. 23). A fronteira, nesse sentido, reproduz condições de estabelecimento do conflito entre os diversos grupos de pichadores, pois, além de considerar o limite de atuação do poder territorial de cada grupo, distingue-os entre aqueles que pertencem a um grupo ou outro.

Os grupos de pichadores possuem, de forma bastante incisiva e simbólica, o estabelecimento da fronteira do seu território. Nos limites imaginários do seu território, alguns grupos estabelecem, numa grafia cognoscível, expressões como as do território do BF (Bairro Feliz), do MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), etc. Apesar de esta linha imaginária de estabelecimento da fronteira acontecer para os grupos de pichadores dentro de uma espacialidade e temporalidade transitória, pois é comum a organização de incursões, denominadas de invasões, sobre o território do outro. Mesmo assim, percebe-se, simbolicamente, a presença do signo da fronteira, pois se é uma invasão que se pretende, invade-se o que não é seu. Hissa (2002), argumenta

que a fronteira é cada vez mais imprecisa, quanto mais se distancia do núcleo de poder. Para o MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), seu núcleo de poder baseia-se na praça Dom Prudêncio Gomes de Oliveira do setor Criméia Oeste. Quanto mais afastado desse núcleo maior, será a imprecisão na delimitação da fronteira e maior o perigo de se confrontar com grupos rivais. "... na maior das distâncias, na periferia dos núcleos de poder, a fronteira é demarcação imprecisa, vaga, (...) o que deveria ser demarcação perceptível mostra-se espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo aberto de interseções" (Hissa, 2002, p. 35).

### **O território da "galera"**

O conceito de território nas ciências sociais, numa perspectiva contemporânea, segundo Almeida (2003), é polissêmico. A polissemia é oriunda das diversas ciências que se apropriam do conceito, o que dificulta e obscurece uma conceituação sobre o território. Para esta autora:

A despeito da constatação da polissemia e suas origens, na Geografia, o recurso a esta categoria merece um cuidado, posto que é um conceito e uma categoria derivados e utilizados pelas outras ciências. A geografia deve-se preocupar em como dar-lhe uma natureza geográfica, uma vez que se trata de um termo pertencente ao vocabulário espacial. (Almeida, 2003, p. 2)

Na Geografia contemporânea, ocorrem, simultaneamente, diversas correntes do pensamento geográfico. Essas correntes apresentam concepções filosóficas e metodológicas, muitas vezes, antagônicas. Buscar uma coesão do discurso geográfico é uma tarefa árdua e, em alguns quesitos, infrutífera. Exemplificando essa divergência, na Geografia denominada humanista ou humanística, "há aqueles que posicionam em favor de uma concepção materialista e aqueles, ao contrário, que retomam os argumentos do idealismo. Há os que aceitam uma subjetividade deliberada dos processos cognitivos e aqueles que a refutam" (Gomes, 1996, p. 306).

Se a Geografia, no todo, enfrenta essas dualidades de concepção, suas categorias de análise não ficariam imunes a esse fenômeno. A categoria Território, a qual procuramos abordar, apresenta, também, uma diversidade conceitual bastante significativa. Como foi afirmado por Almeida (2003), o conceito de território é polissêmico nas ciências sociais. A opção conceitual dessa categoria nesse excerto, caminha ao encontro do objeto Pichadores de Goiânia que, na abordagem que se pretende, é facilitada pela Geografia Humanista. "*Se trata de un movimiento que destaca los aspectos humanos – antropocêntrica la denominan algunos – en lo que tienen de más específicamente «humano», es decir, los significados, valores, objetivos y propósitos*"



*de las acciones humanas*”<sup>10</sup> (Capel, 1981, p. 442). Convém destacar que a abordagem escolhida não exclui as demais, apenas cria um norte, um rumo, para que não gere um redemoinho conceitual sobre a categoria, de pouca validade acadêmica. Utilizar-se-á, também, alguns autores da enunciada Geografia radical ou marxista, desde que seus discursos não sejam incompatíveis com a abordagem priorizada.

A categoria território, numa abordagem ampla, pode ser considerada como a materialização do espaço, sendo, nesse caso, o espaço um conceito abstrato e o território, a concretude daquele. Raffestin (1993) permite denominar o espaço como a “prisão original” e o território como a prisão construída pelos homens. “O território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço” (Raffestin, 1993, p. 144). Refletir sobre essa conceituação é considerarmos o território como uma construção humana, que já o distingue da herança conceitual oriunda das ciências Biológicas apropriada por Ratzel.

Compreender o território dos pichadores envolve uma junção de diversas definições acerca do território. Para a compreensão desses grupos, é necessário estabelecer a base territorial de cada grupo, como forma de diferenciação do outro, tornando cognoscível seu território e as invasões sobre o território do outro. Como os diversos territórios dos grupos apresentam uma temporalidade e espacialidade transitórias, é necessário discutir o que é reproduzido e o que as produz, em que o conceito de identidade de grupo e de espaço é fundamental para a compreensão do conceito.

Finalmente, no intróito da definição sobre território, é necessário considerar os sistemas de trocas que determinados grupos sociais realizam no mundo exterior. É olhar os grupos de pichadores inseridos no cotidiano da metrópole, que influenciam e são influenciados pela metrópole. De acordo com Almeida:

Compreender um território é, portanto, considerar as interações entre um grupo social e seu território. Porém, isto significa também situar o grupo social/território e suas interações em um conjunto mais ou menos vasto. Um território, um grupo social não são isolados. Eles efetuam trocas com o exterior do qual não se deve esquecer para descrever e compreender a morfologia e a dinâmica territoriais. Isto posto cabe registrar que é da diversidade dos grupos sociais que resulta aquela dos territórios: dimensão, configurações espaciais, funcionalizações, tudo pode modificar de um território a outro (Almeida, 2003, p. 2).

Os pichadores de rua em Goiânia, entendidos como grupos sociais buscam uma profunda interação com seus respectivos territórios. Como exemplo o grupo denominado MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), ele se reúne na praça Dom Prudêncio

---

<sup>10</sup> Trata-se de movimento que destaca os aspectos humanos – antropocêntrica denominam alguns – no que tem de mais especificamente «humano», e discute os significados, valores, objetivos e propósitos das ações humanas.

G. de Oliveira que se situa na porção central do Setor Criméia Oeste, considerada como base central de suas ações, seja para realizar suas pichações ou como ponto de encontro social. A praça apresenta um arranjo paisagístico extremamente simbólico no tocante aos pichadores. Ela possui uma quadra esportiva no centro, bastante depredada e pichada nos seus muros laterais, com alguns estabelecimentos de lanches. *“A galera se reúne aqui como forma de se proteger e gerar a união. Se ficar dando bobeira, os outros podem armar uma emboscada. Quando a gente sai a noite é tudo junto”*<sup>11</sup>.

Os grupos estabelecem relações de aliança e conflito com outros grupos e, ao mesmo tempo, não possuem uma singularidade absoluta, pois receberam influências de um movimento que se iniciou em grupos de jovens dos guetos pobres de Nova Iorque e também influências culturais, como o Hip Hop. Ao mesmo tempo em que se insubmetem ao cotidiano da metrópole, com suas pichações representando formas de insubmissão às relações de poder vigentes e aceitas, esses mesmos garotos almejam e consomem a grife da roupa ou do tênis.

Em contrapartida, a ação do grupo de pichador busca a singularização do seu território, visível e invisível. O “picho”<sup>12</sup> possui características particulares a cada grupo, o estilo de letra, a cor do spray, etc. Assim como as gírias, as roupas também acabam singularizando cada grupo: *“quando a gente sai para pichar todo mundo vai de preto”*<sup>13</sup>.

### **Considerações finais**

A análise realizada neste artigo não se encerra em si mesma, faz parte do cotidiano da metrópole, apesar do seu manto de invisibilidade e ilegalidade. Desvelá-lo ao mundo da ciência é clarificar mais um elemento explicativo das práticas sociais urbanas.

A metrópole apresenta uma imbricada rede de territórios que se superpõem, que se harmonizam ou conflitam. Os diversos grupos de pichadores da metrópole em questão representam uma faceta dessa rede, geralmente desprezados, quase sempre marginalizados. Estar à margem pode “ser entendido como tudo aquilo que foge ao imposto pelo processo de desenvolvimento da produção sob a esmagadora influência do processo técnico” (Carlos, 1999, p. 370). O marginal é uma forma de resistência ao sistema repressor que o Estado impõe à sociedade, “todo sistema social tor-

---

<sup>11</sup> Depoimento de Ghost.

<sup>12</sup> Para usar uma expressão do meio. Representando a pichação.

<sup>13</sup> Depoimento de Ghost.

na-se opressor desde que seja demasiadamente perfeito” (Claval, 2001, p. 127). Esse próprio sistema “perfeito” provoca a formação de estruturas rígidas que acabam gerando, dentro de si, grupos que aspiram à liberdade, mesmo que não seja definitiva.

Street pitchers, urban territorials in conflict: (in)visible Goiânia territorials

**Abstract:** The street pitchers, look for the introduction, especially in big and medium sized cities, of their pieces of graffiti, willing to demarcate territories, attack the urban scene and provoke the rival groups. The pitch can not be understood as an act of vandalism: they mean to be present on the city's routine, “re”presenting and signifying again the scenery. The Movement cropped up in Bronx's urban ghettos, USA, spreaded out around the world, and in Goiânia, there are many “groups”, that can be categorized in 2 types. In the first one, members of groups of rooters, compete with each other around the metropolis signing the acronyms TEV (Torcida Esquadra Vilanovense) and FJG (Força Jovem do Goiás). And the neighbourhood groups, like the MGC (Moleques Grafiteiros do Crimeia), BF (Bairro Feliz), UPS (União dos Pichadores Skatistas), etc. This groups search for the demarcation and the consolidation of the territory facing off the opponent, exerting territoriality, over an specific area. At the same time, they constitute a self identity, with the intention to put down and to oppose to the conventional urban patterns. Geography must not abstain it self from the comprehension of this phenomenon, once this understanding straightly involves the categories of geographical analysis, such as territory, territoriality and identity.

**Key-words:** Pitch; territory; territoriality; identity.

### **Referências bibliográficas**

- ALMEIDA, Maria G. de. Territórios identitários e alteridade socioespacial. In: *Dimensões históricas da relação entre espaço e cultura*. União Geográfica Internacional, Comissão sobre o enfoque cultural na Geografia. Rio de Janeiro, 2003.
- CAETANO, Kati. Das linguagens secretas aos segredos das linguagens. In: *Arte e Cultura da América Latina*. Volume VIII, n. 1 (1º semestre de 2002).
- CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciencia em la Geografia contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CARLOS, Ana F. A. A “margem” está no centro. In: CASTRO, Iná E. de (Org.); MIRANDA, Mariana (Org.); EGLER, Cláudio A. G. (Org.). *Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: UFSC, 2001.
- GOMES, Paulo C. da C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GITAHY, Celso. *O que é grafiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HISSA, Cássio E. V. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- LARA, Arthur H. *Grafite: arte urbana em movimento*. 1996 (tese de mestrado: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo).  
<http://www.artgaragem.com.br>.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SILVA, Jan C. da. O conceito de território na Geografia e a territorialidade da prostituição. In: ANGELO, Miguel. *Território e prostituição na metrópole carioca*. São João de Meriti: Ed. Ecomuseu fluminense, 2002.
- SILVA, Marinélia S. da; TRINCHÃO, Gláucia M. C. *Pichação, outro desenho na cidade*. Universidade Estadual Feira de Santana.  
<http://departamentos.unican.br/digteq/ingegraf/cd/>
- SOUZA, Marcelo J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.